

Contos

Virginia de Medeiros



Muitas experiências vivenciadas por mim durante o processo de elaboração e construção do Studio Butterfly foram registradas em um diário. Algumas das histórias compõem este livro de contos.

VIRGINIA DE MEDEIROS



COSTUREIRAS DO IMAGINÁRIO	8
CASA 423.....	10
AS MALAS	18
OS MENINOS DE JACIARA	30
A ENTREGA DE SANTA BÁRBARA	32
O QUARTO DE QUINHO.....	34
ELIAS.....	36
BAIACU.....	42





COSTUREIRAS DO IMAGINÁRIO

Sempre que conhecia uma nova travesti descobria uma força semelhante entre elas. Este vigor me contava a violência, em fabulação divina, que lhes projetavam no sublime da vida. Os conflitos pela disputa de pontos de prostituição, os confrontos entre policiais, clientes e entre elas mesmas me eram contados em meio a gargalhadas. Entendi que a violência que compõe essas existências é uma agulha em condução reluzente pelas mãos dessas inebriantes costureiras do imaginário. Histórias arrematadas por uma linha dourada, forte, cujo último ponto revela coragem, amor, poder e arte.

Na vida entrelaçavam as pernas, alçavam as mãos e dirigiam ao alto a cabeça num tango sedutor, humilhando a morte. Os corpos portadores de tensão irresolúvel transgridem, desestabilizam e sabotam qualquer tentativa de categorização. A AIDS chamavam carinhosamente de “a menina”; passando a mão na barriga, imaginavam uma possível e última gravidez. O pai da menina? A morte. Risos. As trapaças pueris das travestis faziam do perigo uma carta sem importância diante do poder do desafio. – “Agora eu sou bonita, mas se a morte vier acaba tudo.” No jogo ganha quem melhor trugar de falso. Falsárias por natureza, elevam em potência a mentira. Não cabe mais a divisão entre realidade e fantasia. Há desejo, concentração e corporificação. Era como

se eu tivesse encontrado o mais puro e perigoso da infância – o acontecimento espontâneo das ações. Mata, morre, ama, berra ou arde em febre por um capricho sem culpa. Mas sabia que os movimentos que compõem esta existência são breves. Todavia, queria compartilhar mais desse interior infernal que me iluminava. Frequentei casas, conheci namorados e ganhei confiança. Gostava de anunciar nos classificados os serviços das “bonecas”. Era divertido: Boneca Karine, femininíssima succulenta. R\$ 80,00. 9127-4891.

CASA

4 2 3

Havia conhecido Machelle, uma travesti que me intrigava. Toda de branco, roupa e maquiagem, destoava na esquina do Largo das Flores. Gostava de perguntar as horas sempre que passava por ela, nas madrugadas de volta para casa. Aquilo virou mais que um hábito. Uma obsessão. Imaginava sempre encontrar Machelle, e quando não a encontrava, continuava a imaginá-la, em meio a uma ruína, andando com elegância sobre os escombros. Toda de branco, como sempre. Poderosa sobre o salto-agulha. Meu corpo nu em vulto. Um

beijo. Fim. A casa: ruína de Sil. Eu e Machelle. Um curta. Parti desesperada ao seu encontro. Na Av. Carlos Gomes, dei várias voltas em vão. – “Vocês viram Machelle por aí?” – perguntei a um grupo de travestis na “pista”, a fazer a vida. – “Machelle, ela mora na Pensão de Rosana, aqui na Rua do Sodré, mas está viajando.” Agradei.

Fim de tarde, domingo. Queria com todas as minhas forças encontrar aquela pensão. Vi duas garotas sentadas na calçada. – “Vocês sabem aonde mora Rosana?” – perguntei, meio tímida. – “Desculpe... mas a casa que você está procurando é a dos travestis?” – me indaga uma das garotas. – “É.” De longe me apontaram a casa de número 423. Passei pela frente várias vezes buscando coragem. – “Mas o que é mesmo que quero, o que tenho a dizer, a oferecer?” – me perguntava. Sem resposta, toquei a campainha e, em poucos minutos, a porta se abriu. Uma menina jovem e meiga me convida a entrar com um sorriso. – “É a casa de Rosana?” – perguntei. – “É” – respondeu. Senti, naquele momento, algo forte que não podia explicar. Estava no interior da casa. A porta se fecha. Na minha frente cigarros, velas, rosas vermelhas, e a imagem de uma mulher tão vermelha quanto as rosas me desafiava. Respeito. Descoberta. Subi os poucos lances de escada. Na frente, um corredor estreito e comprido com várias portas à direita, não sei por que me lembrou uma lagarta. Segui com muita impressão. Entrei na segunda porta. Lá estava ela, Rosana, sentada na beira da cama, do lado esquerdo, conversando ao telefone. – “Ela está

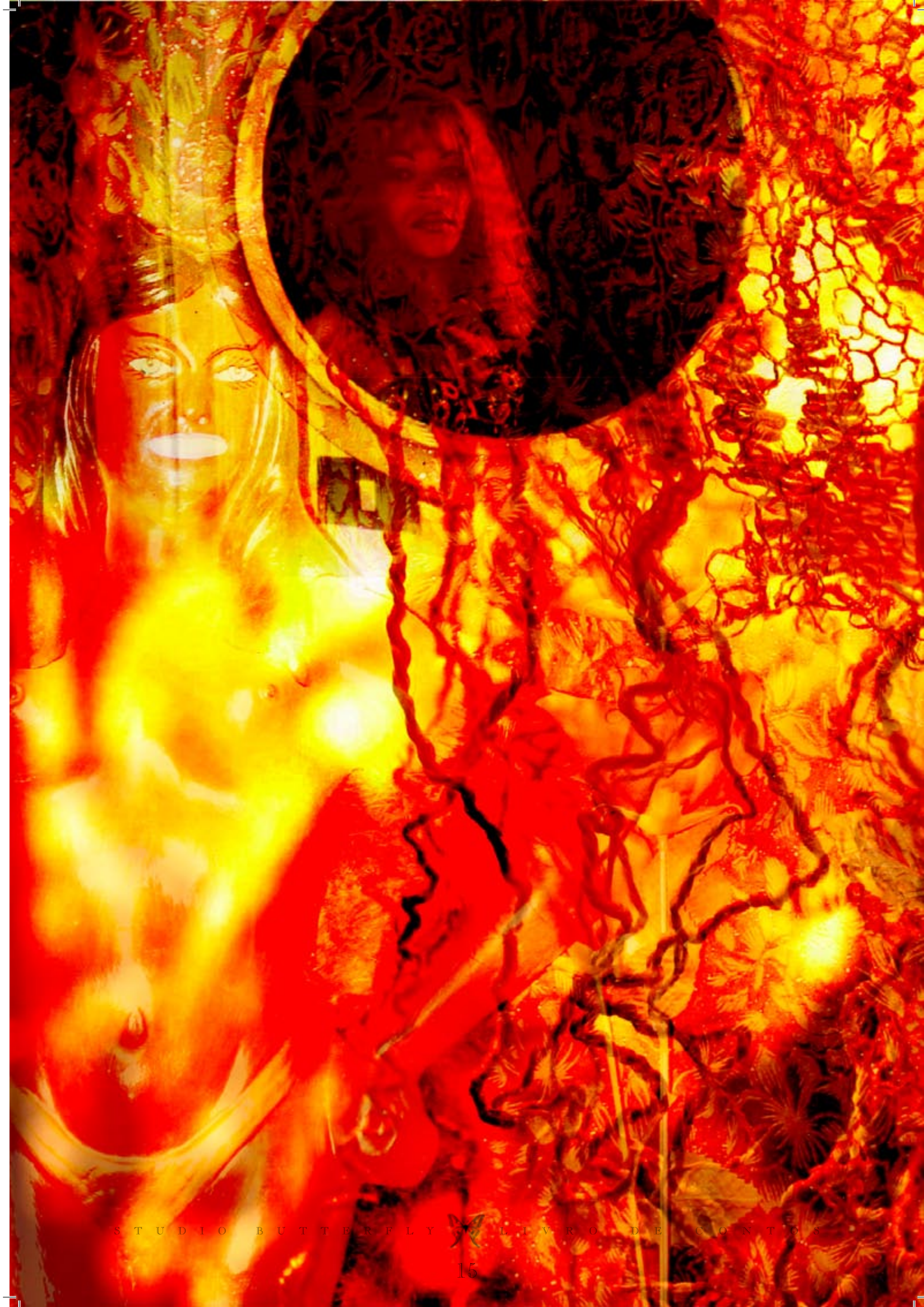




falando com a minha madrinha. É uma ligação da Suíça. Você se incomoda em esperar? Senta aí, meu nome é Ninha”. Sentei, a contemplar aquela imensidão íntima, lendo cada detalhe do quarto: espelhos, bonecas plásticas, pôsteres, fotos, quadros, roupas, bichinhos de pelúcia ensacados pendurados na parede, tecidos, cortinas, TV, telefone, guarda-roupa, duas cadeiras... e dois cachorrinhos poodle, um cinza e o outro branco, que me olhavam sorrindo com o rabo – Ingrid e Pantera. – “Você gosta de ver fotografias?” – me perguntou Ninha. – “Gosto, muito.” – respondi. Ninha se levantou, pediu que eu afastasse a cadeira. Atrás de mim, um amontoado de álbuns. – “Olha estas fotos enquanto minha tia termina a ligação.” – escolheu um álbum e me entregou com doçura. Sentou ao meu lado e me contava histórias, remontando ao tempo de cada imagem. Pouco a pouco, meus olhos e ouvidos flutuavam nas margens da percepção. Jorrava em mim a luz de cada nova imagem: Rosana em Verona quando colocou o silicone, ela de peito nu no Carnaval, as amigas, finadas – “Que Deus as tenha.” – em súplica adengada falava Ninha. – “Esta aqui é Rosana com a minha avó; esta outra, sou eu pequenininha no carnaval com Rosana.” – Simples lembranças aumentadas pela minha imaginação. – “Ninha, cheguei aqui através de Machel. Ela vai contar para mim algumas histórias que viveu. Trabalho com arte... Eu sei que ela está viajando, então, gostaria de falar com Rosana.” – Falei um pouco sem jeito, no entanto desembaraçada. Era uma garota e, de alguma maneira, me vi nela. Passaram-se algumas horas de relógio, Rosana terminou

o telefonema. Não precisei falar nada. Ninha pareceu gostar de mim, me apresentou a Rosana com intimidade e explicou meu interesse. Ninha quer me ajudar, pensei. Complementei a fala de Ninha confusamente. Rosana, sorridente, me acolheu. Fui embora à luz das imagens.

Voltei na noite seguinte, queria falar com Rosana. Ela estava na cozinha fazendo comida para os cachorros. Nesse dia conheci Brigitte, Cláudia e Paloma, travestis que moravam na pensão. Brigitte era a melhor amiga de Rosana, fiquei sabendo depois. Rosana disse que podia abrir o livro da sua vida para mim. – “Eu gostaria de fazer um livro, O mundo de um travesti” – falava ela. Eu quero ajudá-la. Nesse dia conversei muito com Ninha e ela me falou que Rosana a cria desde os 2 anos de idade. Cheguei a fotografar o álbum, fiz um audiovisual: “Rosana, a mulher que sou”. Desse encontro conheci um pouco da vida de Rosana, tive vontade de alugar um quarto na pensão, mas ela desaconselhou, não sei por quê. Aceitei. Ela estava sempre à janela, sorrindo, atenta à vida. A pensão ia ser interditada pois havia desabado uma parede. Ela tinha muitas preocupações com esse assunto. Não sabia ler. Percebi que estava doente. Ofereci ajuda e fui adiando as entrevistas. Uma certa manhã, gritava o seu nome na porta, pois a campainha estava quebrada. Uma mulher negra, bem redonda e com um aspecto forte abriu a porta. – “Você é amiguinha de Rosana? – me perguntou. – “Sou.” – respondi. – “Ela não está mais aqui com a gente, não. Ela partiu.” Olhava para ela sem entender muito o que estava falando. Ela deve ter percebido o meu olhar distante. Difícil.



– “Ela morreu, filha.” – afirmou. Eu franzi a testa com olhar soluçoso. Suspirei. Entra, filha – “ É a amiguinha de Rosana,” – gritava. – Vem tomar uma água. Me pegou pelo braço. – “Eu sou Jaciara, irmã de Rosana, mãe de Ninha.” Entrei.

PARTE II – JACIARA

Jaciara foi morar na casa junto com seu marido, Banha, e seus quatro filhos – Pai, Quinho, Ítalo e Neguinha. Ninha herdou a antiga pensão, mas não conseguia viver longe das travestis. Foi para Lobato, subúrbio de Salvador, com Kelly Morena, uma travesti, mas ficava lá e cá. Todas as coisas de Rosana foram guardadas em malas, o quarto desmontado. Jaciara ainda alugava alguns quartos para travestis, mas a casa corria risco de desabamento. A prefeitura desativou a pensão e ameaçava tomar a casa. Não demorou muito, a madrinha de Ninha, uma travesti muito elegante e “de condição”, levou ela para a Itália. Ninha estava com 16 anos. Em 3 meses, Ninha tinha o passaporte “vermelho” e mandava dinheiro para ajeitar a casa. Entendi que sua madrinha tinha conhecimento e poder na Itália. Primeiro foi difícil para mim aceitar o fim da pensão, onde cada quarto era um mundo. Lugar povoado por travestis e histórias que me fascinavam. Senti que deixei a água correr por entre os dedos. Aceitei. Conheci Jaciara e descobri que Rosana de alguma maneira continuava a habitar aquela casa. – “Minha mãe chamava Rosana de “Meu Sol”. – falava Jaciara. Peguei carinho por Jaciara e suas narrativas. Percebi que, como num sonho, intensidades tão distintas se cruzavam naquela casa movediça. Me sinto acolhida lá.

AS MALAS

Ninha ligou da Itália para Jaciara dar todas as coisas de Rosana. Ninha achava que as malas eram energia parada, queria passar adiante. –“Dê para as travestis, elas vão fazer bom uso, mãinha. Não quero ver essas malas da minha tia aí quando eu voltar.” Pensei muito e resolvi propor uma quantia pelas coisas de Rosana. Sabia que Jaciara precisava de dinheiro, e eu queria muito fazer um trabalho de arte com as coisas. Ela aceitou com um acordo: a quantia não se referia às coisas de Rosana, mas era uma ajuda que eu estava lhe prestando. Me disse, também, que ia dar algumas peças às travestis como havia prometido a Ninha. Concordei. Era estranho. Todas as coisas de Rosana estavam sob a minha posse.

Recebi um convite para fazer uma intervenção de arte. Pensei: na casa de Jaciara com as malas de Rosana. Ela pode botar uma guia para vender cerveja e cigarro. Faz uma feijoada e tira um dinheiro. E eu abro as malas de Rosana. “O tamanho do cabelo”, “Redobras da matéria” pensei em um nome para a exposição. Já havia feito um outro trabalho em

homenagem a Rosana, “Suspensão da Lei Divina” ou “Que o Afeto Saia”. Foi bonito. Uma gangorra com a sua foto no assento. Uma fotomontagem: Ela e Nossa Senhora. Muitas uvas, vinho, cigarro, penas, pombas, velas. Kelly Lôra e Dara, duas travestis que moraram com ela, se balançavam. Kelly gostava de dar close: se quebrava de um lado para o outro até se fixar numa pose, e então lançava seu olhar sobre nós mortais. Ela havia feito há pouco tempo a boca, irrigada de silicone, almofadada, livre de dentes. Tinha muitas cicatrizes nos braços, algumas bordadas por policiais e outras por lâminas esquecidas no tempo. Era enfezada e carregava uma bunda redonda e bonita esculpida por Antônia Bombadeira, uma travesti da Paraíba. – “Ela não conhece o corpo por dentro como um médico, mas só no tato trabalha muito bem!” – me dizia com grande admiração. – “Qual a mulher que você quer se parecer, Kelly?” – perguntei um certo dia. – “Nenhuma. Quero ficar igual a uma boneca, mona. Nariz de boneca, boca, olho, peito, bunda, cabelo.” – me falou como uma professora, sem afetação. – “O travestis não imita mulher. Já imitou; hoje, a mulher é que imita o travestis. O travestis quer ser igual a uma boneca, entendeu, amapoa?” – me chamava ora de mona, ora de amapoa. Mona é uma gíria de tratamento e amapoa é mulher em iorubá. Kelly foi embora da pensão devendo a Jaciara. Já Dara é de uma honestidade espontânea. Tem um namoradinho que lhe dá flores. Ele é estilo marombeiro, toma bomba para acelerar o desenvolvimento da musculatura. Como a cabeça não tem músculo, ela ficou pequenininha em

relação ao corpo. É um rapaz muito educado. Advérbios de cumprimento como licença e boa noite sempre ornavam suas frases.

Escolhi “Redobras da Matéria” para nomear a intervenção. Logo na entrada da casa, nas escadas, estava a Maria Padilha. Estava no mesmo lugar que a vi pela primeira vez. Agora ela não era mais uma estranha para mim, já a conhecia. E começava a ter intimidade com ela. Comprei flores para o seu jarro. Comprei champanhe, velas e cigarros. Jaciara preparou a comida: xinxim de bofe. Curvada sobre ela fui acendendo os cigarros. Da minha boca para os seus pés, um a um, em ritual. – “Faz os pedidos xingando, porque é assim que ela gosta. Não é, sua puta, descarada?” – falava Jaciara com rigor e carinho, sorrindo para Padilha e me orientando. Xinguei, fumei e bebi champanhe. No corredor, pescoço da casa, coloquei cabelos, muitos kilos de cabelos. Como uma garganta cabeluda, iluminada pela gambiarra vermelha. E nas paredes pendurei bonecas carecas. Os cabelos são muito importante para as travestis, principalmente compridos e de raiz. Rastro de tempo, cultivados e afirmados. Na sala, um vídeo: os 30 anos de Rosana, que encontrei dentro de sua mala. E todos os seus objetos pessoais, presenças de uma vida. Nesse dia projetei as fotos do seu álbum na fachada da casa. Imaginava ela na janela debruçada, sorrindo. Nesse dia conheci uma senhora negra e de idade. – “Obrigada, filha, nunca tinha visto José Carlos nestes trajes. Ele tinha vergonha de se apresentar a mim assim. Dizia que como podia aparecer

vestido de mulher se eu só tratava ele por Zé Carlos. “ – Me falou enternecida, e com gratidão. – “Eu tinha um salão de beleza, e vi ele desde moleque, crescendo do meu lado. Ele nunca teve coragem de botar vestido nas minhas vistas. Tinha muito respeito por mim. Mas eu também tinha por ele. Hoje, pela primeira vez vi as roupas, sapatos, bolsas. Tudo tão lindo! Oh, filha, obrigada.” – Aquela senhora de cabeça branca... tudo que fiz foi para ela, pensei assim. Abracei-a, não lembro do seu nome, mas ainda vou ouvi-la de novo.

O mais impressionante desse trabalho foi a descoberta das crianças, Ítalo e Quinho, ao abrir as malas. Todas elas feitas de memória. Remexiam as malas, vestiam as roupas, sapatos evocando lembranças. Desfilaram e fizeram até um show, cantado numa língua estrangeira a todas as outras. Sem tradução. Fotografei. Foi a melhor parte, foi a maior descoberta. – “Meus filhos não são uns artistas? Olha como dançam.” – corujava Jaciara.

Parte II – Maria Padilha

Fechei as malas, junto com as crianças. Mas me faltou mais um pouquinho de coragem para carregá-las. Não sei por que fraquejei. Aquelas malas não me pertenciam. Não podia levá-las, não naquele momento. Esperei. Cuidava delas a distância. Orientava certos cuidados, principalmente com a umidade. Mas, na verdade, temia que as coisas se acabassem pela chuva que não encontrando barreira entrava na casa.



Mas para minha surpresa foi o fogo que deu fim. –“Minha mãe já lhe contou, Virginia?” – Quinho me perguntava ao telefone. –“Não, o que foi?” –“É melhor ela lhe contar. Você vem aqui domingo?” – respondi que sim.

Domingo.

–“Oh, Virginia, não sei nem como lhe dizer, minha filha. Mas aconteceu um incêndio. Queimou tudo de Rosana. Foi uma vela.” – me falava com gravidade. –“ Graças a Padilha que a gente se salvou. Eu acordei com o estouro dela. O gesso pipocou na quentura do fogo. Foi Deus. Senão o bujão, que estava do lado, explodia e levava todo mundo junto.” – com as mãos para o alto falava Jaciara –“O importante é que vocês estão bem.” – foi o que falei. Pensei: queria tanto ter restaurado a Padilha que foi de Rosana. Já tinha comprado o gesso, a lixa e a tinta vermelha para aliviar os estragos da goteira. –“Cadê ela, Jaciara, a Padilha?” – perguntei. –“A gente jogou no lixo. Estava toda queimada.” – me respondeu Jaciara. Na hora senti tristeza. E as malas... tudo que havia arrumado, guardado, recomendado com tanto zelo. As fotos... tudo virou cinza. –“Jaciara, e as coisas queimadas estão aonde?” – perguntei, inconformada. Na hora me lembrei de quando era criança e meu pai queimava o lixo na coivara. Era tão bonito ver no outro dia a arte do fogo nos objetos. As cinzas, as cores que, escapando do fogo, em meio às cinzas pareciam mais vivas. Queria os vestígios para guardar em uma caixinha de vidro e entender como arte. –“Já limpei tudo.” – respondeu. –“Algumas coisas não queimaram. Arrumei num saco pra

você.” – me conformava Jaciara, sem entender. Vi em um canto da casa o saco. Era até grande. Mas não levei. Deixei. Olhei para Jaciara que triste se lamentava pela Padilha. –“Jaciara, vou lhe dar uma Padilha de presente. Vai ficar no lugar da outra.” – falei com um facho de alegria, um outro de tristeza e um pouco sem jeito. –“A Padilha não se substitui. Você pode trazer outra, mas vai ser a mesma em continuação.” – me explicou cuidadosamente Jaciara. –“Entendi.” – reforcei balançando com a cabeça.

Demorei a voltar.

Fui na Feira de São Joaquim comprar umas sacas de milho com a minha amiga Ieda e me lembrei da Padilha. Comprei. Esse dia foi especial. Tudo se destacava ao nosso olhar. Segundo domingo de maio, Dia das Mães, fui levar a Padilha para Jaciara. Primeiro passei na Rua do Cabeça para comprar plástico transparente e fita amarela, e depois no Largo das Flores, onde comprei rosas vermelhas. Precisava encontrar um lugar para embalar a diaba. Fiquei andando de um lado para o outro, mas não me sentia tranqüila para embalar a Padilha em um lugar público. A Maria Padilha causa susto. Acabei indo para o Shopping Piedade. Lugar: o banheiro. Achei meio fraqueza e absurdo da minha parte. –“Jaciara, quem está vivo sempre aparece. Seu presente!” – gritei do corredor e entreguei o pacote transparente. Jaciara pegou sem dizer uma palavra. Ergueu a imagem contra a luz com o olhar atento. Queria verificar o acerto da minha compra. –“Abre, Jaciara.” – “Não. Não precisa, dá pra ver”.



Examinava, atenta. –“Esta é diferente. A minha é encostada em um tronco só, este daqui é dois. A minha é toda nua... Esta daqui é a Cigana, tem saia, e a minha é a Pomba Gira.” – falava pausadamente, com concentração. –“Jaciara, pode deixar, eu troco. Tem que ser igual à sua.” – disse, determinada. –“Não, se esta veio é ela que vai ficar. Não foi à toa. Vai ver que esta é a minha. A cigana. A Pomba Gira era a de Rosana.” – afirmava, tirando sentido do meu erro. –“Você é quem sabe, Jaciara.” – concordei. Entramos e sentamos em uma pequena sala de TV. Esta sala liga a sala principal à cozinha. É o coração da casa. Lá é o lugar preferido de todos. –“Virginia, mãeinha lhe disse que o carro de lixo levou o saco das roupas da minha tia? Foi Ninha. Também ela não sabia que era sua. Foi forte pra ela ver as coisas da minha tia. Mas Ninha disse que da próxima vez que vier da Itália, para a inauguração da casa, ela vai trazer tudo novo: bota, casaco, bolsa, vestido. Tudo mais bonito. Não liga, não.” – lamentou Quinho. Tinha feito raiz funda as malas na casa. Desde o princípio eu sabia que não me pertenciam. Assim foi. A Padilha se encarregou de uma parte e Ninha da outra. –“Ninha, vai ver meu presente lá na sala.” – Jaciara falou em duelo sutil. –“Mãinha, pega lá, tô com preguiça.” – Ninha falava repuxando o rosto. Dengosa. –“Pega lá, Quinho.” – pediu Jaciara. Suspense.

Uma semana depois passei lá para dar um beijo em Jaciara. –“Não sei nem como começar, minha filha. Mas Ninha não quer mais a Padilha nesta casa. Eu chorei tanto. Um presente não se devolve. Mas não posso fazer nada, ela é a dona da casa.



Ah! Mas eu ainda vou ter minha casinha. Pode escrever. Se fosse a minha casa não tinha isso. Eu vou continuar botando as minhas oferendas na rua para Padilha, como sempre fiz. “Minha filha, ela pediu para trocar pela Santa Bárbara: Iansã. A santa só precisa acender a vela, não tem comida. Disse que a Padilha era de Rosana e só ela sabia cuidar. E que quando a Padilha se quebrou no fogo anunciou a partida dessa casa. Mas eu sei que ela está aqui.” – Jaciara falava com raiva. – “Jaciara, eu não vou devolver, não. Vou cuidar dela. Você me ajuda? – falei na emoção para ela. Jaciara ergueu os dois braços abertos, me abraçou e beijou calorosamente. – “Pode deixar a gente cuida dela. Eu e você.” – me disse sorrindo. – “Tem um travestis que assenta. Ele escolhe o melhor lugar da casa e te ensina a cuidar dela.” Foi assim que recebi a Padilha. Saí de Jaciara, toda contente. Com orgulho carregava a Minha Padilha. A Padilha Cigana. Desfilei. Queria que todos vissem, a minha Padilha. Neste dia Sil fez um outro caminho com o carro, imprevisto. Silvana é minha companheira. Minha Stalker de Tarkovski, ela lança a pedra, aponta o caminho e eu gosto de seguir. Mas dessa vez ela se assustou. – “Você está delirando, eu não quero esta Padilha lá, não.” – dizia ela. – “Eu vou assentar, Sil.” – repetia, segura. – “Mas você

está fugindo do seu objetivo. O que isto tem a ver com o seu trabalho.” – me questionava. – “Não. Tem tudo a ver. Tudo.” – respondia, sem saber explicar. Mas estava radiante com a Minha Padilha. Seguimos pelo Mercado Modelo e de longe avistamos Mariela. Paramos. – “Estava pensando em você neste exato momento.” – Mariela falou olhando para mim. E foi tirando um monte de pulseiras, colares, brincos e anéis. – “O cigano está rondando a Vila Brandão, estão todos cheios de anéis. Trouxe estes aqui para vocês.” Eu cheguei a me assustar. Era um sinal. Vou assentar a Padilha, pensava, colocando os colares, brincos e pulseiras.

OS MENINOS DE JACIARA

Quinho é uma entidade. Senhor firme com muita seriedade, de cima dos seus 12 anos de idade. Pessoa de muita vivência, com sabedoria no falar. Guarda lembranças de mesmo antes de nascer. Sabe de si, tudo. E de tudo tem opinião. Com 5 anos Quinho sustentou a família junto com Ítalo, seu irmão mais novo. Me conta com muita responsabilidade e brilho no olhar. Iam para a sinaleira, com um figurino pensado, sandália nem pensar, não cabia. Era para causar impressão. E causava. No Natal uma mulher chegou a lhe dar 50 reais. Era muito dinheiro, admirava-se. Minha mãe, nessa época, estava muito fraquinha, dizia ele. Chegou a caber numa cadeira de criança pequena, daquelas bem pequenas mesmo, de plástico – pontuava. Foi o crack. Por isso, Quinho sabia, dinheiro só em forma de comida. Passavam no mercadinho, e em casa só chegava alimento. Um dia percebeu que cresceu e ficou feio pedir. Parou. Quinho é muito inteligente e curioso. Na Parada Gay fui com ele; lá, me mostrou alguns paqueras seus, que com beleza lhe chamavam pelo nome de Sabrina Parlatório. Este foi o nome que recebeu, depois do batismo. Ele foi batizado por uma travesti, amiga da sua tia. Iniciou-se. Quinho dança e dubla muito bem. Já fez até um show. Esses dias me mostrou o vestido e o sapato. Ganhou 100 reais. – “Ser travestis é uma arte, muitos tiram dali seu sustento,

ajudam a família. Todos nós, eu, você somos um pouco gay, lésbica, travestis, transformista. Não é que eu queira ser igual a minha tia. Eu sou outro. É isso. Vamos, que está chovendo.” – me falava com desafio. Ítalo é uma lagartinha, buscando um espaço para crisalidar. Desdobrar a borboleta. Eu lembro um dia na pensão de Rosana, no quarto de Kelly Morena, Ítalo tinha 6 anos. – “Será que nasce assim?” – indagava Kelly Lôra, olhando para mim. – “Gente, ele é muito travestis.” – Ítalo, piscava os cílios intermitentes, como um farol dando sinal de luz. Jogava a cabeça de um lado para o outro com um longo cabelo imaginário. Eu gostava de ver. Achei bonito. Espero um dia ver a Borboleta. Espero.



O QUARTO DE QUINHO

Desci. Gosto de descer aquela escada úmida cheia de tempo. Passei pelo fosso: um pescoço comprido e negro, lugar desconhecido do sol. O fosso é a casa de Pantera, Assanhadinha, Ingrid e mais uns cinco cachorrinhos. Brigitte, travesti da família, lavava o fosso com uma vela acesa, o dorso nu e um amor inteiro pelos bichinhos. Fazia gosto de ver. – “Olha, Virginia, vem ver Pantera como é linda.” – exclamava e repetia Pantera, Pantera, com a língua enrolada, a fala bem curtinha, em que mal se distinguia o nome, mas Pantera sabia bem entender. Com o rabo sorria saltitante, num misto de felicidade e respeito. Sabia seu limite. – “Vamos deixar tudo cheirozinho, cheirozinho.” – repetia Brigitte com a mesma voz. O ambiente se impregnava do cheiro de creolina que subia da luz amarela da vela. Pensei na vida de Brigitte: ela era a melhor amiga de Rosana. Estava sempre do lado de Rosana. Ainda está. Vê Rosana invisível pela casa, sentada na escada tomando champanhe, na janela. E eu sou uma espécie de confidente – “Ela gosta de ficar ali, tomando a champanhe dela. Ela não foi embora, não. Ela está aqui. E ninguém acende uma velinha. Tem que incensar a casa.” – se lamenta, e me aponta para a escada bem no lugar em que ficava a Padilha. Eu chego a ver. Ela sempre me fala que a vida de Rosana

merecia um livro, não porque é preciso de um livro para guardar memória. Ela é eterna. Mas em forma de homenagem. Foi então que me lembrei que havia querido um livro junto com Rosana, antes da sua morte – “A vida de uma travestis” – era este o título dado por Rosana.

A ENTREGA DE SANTA BÁRBARA

Domingo, duas da tarde, lá vou eu descendo a Rua do Sodré, rumo à casa de Jaciara, para lhe dar, como prometido, a Santa Bárbara. Logo na esquina compro meu cigarro, como de costume na mão de uma senhora branca e gorda, com a face fendente ao sol. O seu olhar turvo pelo pacote embrulhado em folhas de jornal e amarrado com barbante, de tal maneira que se adivinhava um santo. – “É um santo?” – me perguntou – “É Santa Bárbara.” – respondi. Logo seu rosto se iluminou. – “Ah, Santa Bárbara... a minha é deste tamanho.” – me mostrou com a mão bordada pela agulha do tempo. Ponto: caminho-sem-fim. – “Minha filha, tudo o que você pedir ela vai lhe dar em dobro! Já levou pra benzer?” – “Ainda não”. – falei, negando com a cabeça. O senhor do lado, um negro acabrunhado, imediatamente abre a carteira e me mostra que também guarda devoção por Santa Bárbara em forma de “santinho”. Mas se enganou ao mostrar Nossa Senhora Aparecida. Lento e silencioso, guarda de volta a imagem.

Sigo. Mas adiante encontro Neguinha, filha de Jaciara. Ela me abraça com amizade não muito antiga, com carinho e um fiozinho longe de interesse. – “Ohhh, Virginia, eu queria tanto lhe ver. Nem acredito que você está aqui. Meu aniversário é na quinta-feira. Sete horas da noite.” – se entorta num sorriso arrastado e longo para falar. – “Estou arrecadando 5 reais dos

amigos, para fazer xinxim de bofe e um bolinho de parabéns. A cerveja Tonho Sem-Medo já providenciou.” Tirei os 5 reais e entreguei, sob a certeza dela que eu poderia ter dado mais. – “É a Santa Bárbara de mãinha?” – “É.” – respondi. Nesta hora me dei conta de que comprei uma imagem muito grande para o nicho da casa. Me intimidei. De longe avisto Jaciara na janela, tomando conhecimento do dia. A porta aberta, entro. Jaciara se lança na minha frente do nada, em brincadeira de susto. – “Eu lhe vi apontar no fim da curva.” – me falou sorrindo. – “Eu trouxe sua Santa Bárbara.” – mostro o pacote. – “Vixe Maria, minha Iansã chegou! corre, Banha, vem ver.” – gritou Jaciara. Coloquei o pacote em cima de uma mesinha na sala já escura pela hora do dia. – “Você e Neguinha desembrulham” – incumbiu Jaciara, olhando para mim e festejando. A pouca luz impedia de ver as emendas do barbante, Neguinha, afobada, ia torando na força, e eu com a ponta do cigarro queimava o cordão, que no escuro se partia em dois pontos de luz que se apagavam no piscar do olho. – “Vem, Brigitte, olha a minha Santa Bárbara como é grande. Ela acende! Vou fazer um altar bem ali, e ela só vai viver acesa dia e noite.” – suspirava, Jaciara. – “Vai, Banha. Corre, Banha. Coloca em cima da geladeira que lá tem tomada.” – suava em voz, Jaciara. Banha colocou na tomada e junto com a santa a vida acendeu. Feito relâmpago. Feito arrepio de assombração, que vem do nada e no segundo seguinte vai, sem avisar. – “ Oh! Minha Iansã entregou a vida dessa menina nas suas mãos... E traga minha santinha muita prosperidade para nós todos.” – com veemente devoção ecoava pela casa sua súplica. Foi bonito.

ELIAS

Uma confusão se estabeleceu dentro de mim. O meu pensamento me dizia com força extrema, dura e determinada. Com prazo. – “Vai, menina. Vai.” Mas era no intervalo abismoso das palavras que se derramava uma energia queimada de vez, que não me permitia sair do lugar. Acelerava atolando. Era forte. Era força interna. Com o coração desencaixado, solto no peito, fui afundando em quietude ardente, em adoecimento. E foi no corpo doente que a mente encontrou descanso. No terceiro dia, levantei disposta e sem pressa dei a mão ao tempo, certa e tranqüila que ia divagar. Sabia a divagação como rumo certo. Fui à casa de Jaciara.

Antes fiz uma visita à amiga Ieda, pessoa de muita compreensão. Passamos na Líder para comer um sanduíche de pernil de porco – eu, Ieda e Daniel, seu namorado. A lanchonete Líder fica no Lago Dois de Julho, lugar que ficou entregue ao tempo durante anos e nele o tempo se fez senhor. E tudo que cabe na permissividade do tempo cabia lá. Ondulante em escape, o Largo emanava novas possibilidades. Agora, estão fazendo uma faxina, limpando, maquiando o Largo. Apressada e sem tempo a perder a avidez do homem chegou lá. O Largo estreitou. E com ele meu peito. Entristeci. – “Iedinha, vou indo lá em Jaciara, tchau, Daniel.” – me despedi.



Desci a Rua do Sodré. Ainda na esquina comprei um cigarro, a retalho, na mão de uma senhora branca e lustrosa de quem guardo carinho. Naquele dia ela encravará um sorriso no olhar que subtraía a franqueza de sentimento.

Segui.

– “Virginia, tu já sabe de mãinha?” – me perguntou miudinho Ítalo no pé da ladeira – “Não.” – respondi, temendo infelicidade. – “O que aconteceu com Jaciara?” – perguntei, firme. – “Ela foi presa. O cagete entregou. Ele parece o cão. O diabo mesmo. Quebrou tudo lá em casa. Até em caco de vidro andou. O vidro do muro, sabe?” – ofegante, Ítalo escalava as palavras como quem quisesse chegar ao topo de uma grande montanha, nos olhos não cabia desespero nem a sombra do medo. Mas uma realidade fabulosa enchia os olhos do menino com brilho e espanto. – “Ele ria. Ria o tempo todo. E gritava: Eu sou o cão farejador! Ele bateu em mãinha. Chegou pela janela com a viatura, o cagete trabalha para a polícia. Pra bater no civil, sabe? A polícia não se suja, é o cagete que bate. Quinho vai lhe contar. Brigitte e Banha também foram presos. O cagete encontrou 3 kg da taba. Foi flagrante. Mas tava no tempo, no terreno vizinho. Mãinha jogou lá. Mas a vizinha entregou. Bora lá em casa que te conto mais.

Chegamos.

Um rapaz bonito, jovem e tímido abriu a porta derramando um sorriso fluido como o mar. Voluptuoso sem saber sê-lo, era ainda mais sensual. O corredor parecia mais sombrio e escuro; de sorte, ganhava da luz do sol da tarde que o rapaz colheu

no corpo, um dourado particular. Por um instante de sete passadas esqueci completamente de Jaciara. – “Vim encontrar com Rosana. Ela me ajudou muito quando precisei. Me deu casa, comida e confiança. Não sabia que ela tinha morrido.” – contava-me manhoso e com um sorriso impudente, de quem abraçou uma lembrança que não coube contar. Silenciou.

Na sala.

– “Oh! Virginia tá pálida, senta aí. Vou pegar uma água.” – Neguinha exclamou. Ainda hoje, não sei se descorei por profunda tristeza ou deliciosa volúpia. Sentada, vi à minha esquerda, à frente, um recém-nascido. Mexia os pequenos dedos querendo pegar do invisível os vultos do olhar que clareia. Inocentava a vida. A mãe, sentada em uma cadeira ao meu lado, confessava o carinho pela sua xará Jaciara, sorrindo para a criança. – “Meu filho não é lindo!” exclama. – “É lindo.” Garanti, enternecida. – “O nome dele é Elias. Meu primeiro filho. Depois de 10 anos de casamento.” Neguinha chegou com a minha água. Eu tinha um sorriso leve para o Elias. Fumamos uma ponta. Neguinha me mostrou todos os papéis da detenção, do advogado. – “Ninha vai mandar o dinheiro da Itália. Disse tá sofrendo o frio da pista e a perseguição dos carabinieri. Mas vai mandar o dinheiro. Ela tá com raiva de mãinha, Virginia. Perdeu a confiança porque mãinha mentiu, disse que não vendia mais. Mas não foi, Virginia, mãinha ficou com pena de Ninha tendo que ficar mandando o dinheirinho dela suado. Mãinha não quer abusar, quer ter dinheiro para comprar as coisinha da casa. Tudo é Ninha, sabe? Mas eu

só sei que, agora, parece que eu sou outra pessoa. Sou eu que vou tirar máquina, Banha e Brigitte de lá. Se não é prisão perpétua não é pra sempre.” Neguinha batia no peito com certeza de vitória. – “Eu cresci muito, Virginia. Parece até que eu nem tenho mais 18 anos.” – concluía.

Quatro de dezembro foi o aniversário de Jaciara. Fiz um bolo de chocolate, mandei para ela. Neguinha me explicou como eu deveria cortar o bolo para não ser destruído pela inspeção da detenção. Eu dei meu nome para fazer minha carteirinha de visitante, mas Neguinha, embaraçada e tímida, me desencorajou. Disse que o exame ginecológico que fiscalizava o transporte de objetos pela vagina e o ânus era muito humilhante e que era muito ruim passar por isso. Não fui.

Dois meses se passaram Brigitte e Banha voltaram. Jaciara vai demorar um pouco mais. Banha, da detenção, trouxe respeito dos prisioneiros e a elevação espiritual de um sábio. – “A cela era uma lata de sardinha. Muitas vezes passei a noite em pé, olhando para um pedaço do céu. Vi o sol apagar as estrelas. E era lá que eu estava.”

Brigitte mudou o regime da prisão. Fez cortina de plástico para o banho no pátio, enfeitou as celas, limpou, cantou, e até casamento arrumou com o delegado. – “Olha, Virginia, a luz desenhava sombras e eu copiava nas tampas da quentinha. Aqui são as pedrinhas do feijão que eu trouxe. Eu podia ter deixado tudo lá. Esqueci até minha identidade, vou voltar para pegar. Mas isto aqui. Isto vale ouro. Aqui é a agulha que fiz de

aluminho da marmitta e costurei as cortinas de saco plástico da Irmã Dulce.” Me mostrava tudo com tanta preciosidade. Tudo assinado Brigitte Vicente Van Gogh. Brigitte é a travesti mais doce que conheci.

Percebi naturezas flexíveis que se dobram sobre si mesmas, sem desespero nem angústia. Contraem-se para então saltar mais alto. Sempre mais alto. Continuando.

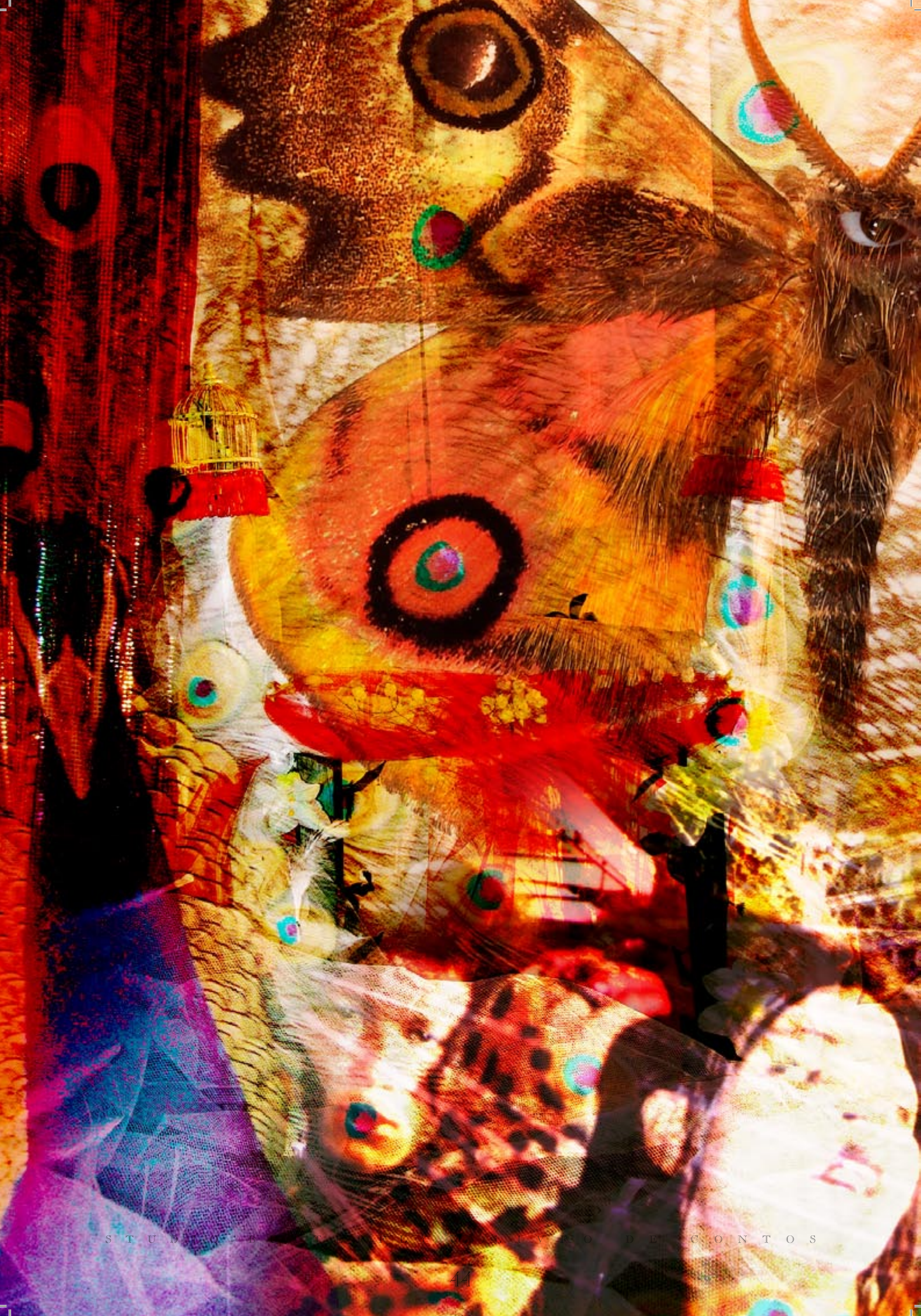
BAIACU

Cheguei a passos apressados. Sempre que tinha pressa costumava contar silenciosamente – one, two, three, four, five, six, seven, eight, nine, ten, eleven, twelve, seven o'clock. Vício de um curso de inglês desastroso. Mas, ao menos, essa espécie de marcha militar me permitia uma concentração maior nos obstáculos do caminho. Eu sempre me atrasava e sofria por isso. Mesmo sabendo que o tempo combinado era para efeito de compromisso e não de pontualidade. Ao entrar, a primeira pessoa que vi foi Sendy, enorme num salto. Com pouca roupa, ela desfilava afetada, de um lado para o outro, hipnotizada com seu reflexo no vidro da janela. – “Nossa! Eu estou com uma barriguinha!” Falava para todas as travestis ouvirem, era quinta-feira, dia de reunião na Associação de Travestis de Salvador, a ATRAS, tinha uma platéia considerável e Sendy queria dar corda à inveja que enchia de glamour seu corpo escultural. Fabiane foi logo me abraçando. – “Olha, Fabiane, trouxe seu dinheiro. Desculpa ter demorado tanto. Mas é o corre-corre.” Entreguei a ela os cinquenta reais que meus alunos de jornalismo tinham juntado. Uma espécie de vaquinha pela sua entrevista no seminário sobre travestis que organizei na faculdade. – “Virginia, você é um anjo. Eu estava sem jeito de te pedir uma ajuda. Obrigada.” Jogou as mãos aos céus num gesto familiar aos dos políticos e crentes. – “Não, Fabiane, não precisa me agradecer, foi seu trabalho. Eu que agradeço a sua colaboração. Foi importante para abrir a mente

da meninada. E ainda você deu um show. Foi emocionante. Obrigada, mesmo”. Com o olhar magnetizado por Sendy, Fabiane, num gesto de esmero e elegância, concluiu: – “Ah, Virginia! Eu não gosto de incomodar. Estou muito doente. Sem poder fazer show, não tenho como pagar as contas. Foi bom ter te encontrado.” Olhou para o recepcionista com charme, a mão de ladinho, tapando a boca como quem ia contar um segredo. Falou em alto e bom tom: – “Eu sabia que tinha que vim para cá, mesmo me arrastando”.

Sendy me puxou pelo braço disfarçadamente e me fez sentar num banco. No meu ouvido, implorou: – “Virginia, pelo amor de Deus, não me deixa aqui sozinha. Não me deixa. Estou suando pencas. Baiacu esta aí e vai acabar com Patrícia. O pankê vai rolar.” Sendy estava gelada. Meu coração disparou. – “Ela está aonde, Sendy?” – perguntei baixinho. – “Ela está na porta, eu vou te apresentar. Vem.” Sendy, numa quebrada de pescoço, jogou seus cabelos-miojo e, luxuosamente, abriu um sorriso. Desfilou até a porta de saída, tentando leveza.

Era encrenca certa, sabia. Tive medo e atração para conhecer Baiacu. Nesta mesma semana, ela tinha furado o peito de Patrícia. Briga de amor, disputa de macho. Traição. Eu sabia de tudo. Baiacu roubava civil e estava presa. Pelas conversas que ouvi, ela era uma espécie de soldado de frente de batalha para Carla Falhal – cafetina poderosa, dona de uma pensão para travestis, e que, com a morte de Rosana, lidera a máfia da rua – cobrava o pedágio de uso da rua para prostituição e castigava as travestis quando sonegavam. O



castigo? O corte de um pedaço do cabelo ou uma racha na cara. Sendy já havia levado uma carreira e perdido um pedaço de cabelo, debaixo de uma surra. Cortar o cabelo para a travesti é perder poder, principalmente se for de raiz. Baiacu tinha acabado de sair da “Casa de Dete”, como amistosamente ela chamava a detenção, e Patrícia, a quem ela já tinha dado abrigo num momento difícil, roubou seu marido. – “Virginia, este homem não me deixa. Não adianta ele quer ficar comigo. E é porque eu não pago pau. Até quando vou tomar banho o homem fica na porta, quando não toma banho comigo. Eu já botei ele pra fora, mas é pior, o coitado fica exposto na porta da minha casa, sentado igual a um cachorro. Ele disse que me protege, e eu gosto dele. Minha cabeça está valendo ouro, Virginia. Imagina! Carla pensava que eu tinha voltado para o interior. Pois sai da pensão fugida dela, Virginia, não agüentava mais pagar a rua. O aquê não dá, 40 reais por semana. Isso porque eu morava na pensão. Agora, veja, estou perseguida por Carla e Baiacu!” Patrícia me falou chorando, num domingo à tarde, no banheiro da sua nova casa em São Caetano. E, com um brilho orgulhoso no olhar, concluiu com seu sotaque cearense: – “Nem que eu vá pra Juazeiro passar um tempo na casa da minha mãe e leve o bofe comigo.” Neste domingo eu tinha conhecido o bofe, um jovem bruto que falava bobagens e exibia a sua beleza de boyzinho. Kléber era alto, branco e forte. Era bem bonito mesmo. Tinha comprado uma arma que apelidou com o nome de bebê e carregava uma aura que alternava entre um pit bull, uma hiena e um gato

de rua manhoso e ladrão.

Levantei.

Minha perturbação se prolongou até a porta, estava meio tonta diante da profusão de lembranças que me ocorreram. Sendy estava encostada em um carro e Baiacu sorridente conversava com ela. – “Esta é Virginia, Baiacu. A fotógrafa que fez as minhas fotos.” Sendy me apresentava balançando o corpo freneticamente com afetação na voz. Estava nervosa. – “Olá, Baiacu.” Entre os dois beijos que trocamos, senti que Baiacu tinha presença entrante. Como um facão amolado, cortava às cegas para abrir caminho. Ela parecia mesmo o peixe baiacu. Tive medo. A violência ganhava uma forma de cicatriz desenhada no seu braço esquerdo, e ela sorria para mim. – “Ah! Quer dizer que você que é a fotógrafa. E aí na sua bolsa não tem nenhuma foto de travesti para eu conhecer seu trabalho?” Sendy imediatamente interrompeu. – “Ôxe, Baiacu, tu não já viu as minhas?” – “E daí, Sendy? Eu quero ver outras” – respondeu num estridente falsete, deixando todas as letras do nome Sendy suspensas no ar por algum tempo. O rosto de Baiacu era uma grande boca sorrindo cheia de dentes emoldurados no vermelho do batom. A barba encravada maxixava o rosto com uma aspereza incomum, os olhos redondos-fundos eram dois poços escavados em terra escura. A vida lhe desfizera a delicadeza. – “Você veio entregar umas fotos?” Perguntou afirmativamente Baiacu, se torcendo de aperto dentro da calça branca que não conseguia esconder uma grande neca entre as pernas. Era radiante e

insuportavelmente quente como a luz do sol ao meio-dia do sertão. – “É verdade” – respondi com um sorriso confuso. – “Quero ver se é da travestis da cara de maracujá que roubou meu marido. Eu não matei ela ontem porque não quis. Invadi a casa de Sendy e vazei o silicone da macumbeira. Não foi Sendy? Cadê Patrícia, Sendy?”, indagou com deboche. – “Ôxe, Baiacu sai dessa, eu sou neutra. Eu não tenho nem amizade com Patrícia. Oh, Virginia, Baiacu fala assim que invadiu a minha casa!” Sendy retrucava com as sobrancelhas juntas, um biquinho tímido e um medo disfarçado de dengo charmoso. Baiacu botou o dedo na cara de Sendy, de maneira meio infantil, meio bandida, com pose de importante. O dengo de Sendy se quebrou em pedacinhos. – “Eu estava presa, viado. E não foi a primeira vez, não”. Baiacu era tarimbada, pensei. Eu sabia que quanto mais uma pessoa freqüentava o pátio do presidiário, mais respeito e poder conquistava lá dentro e aqui fora. Baiacu falava com este entendimento. – “E aí, cadê as fotos, amapoa?” Olhei Baiacu procurando um particular macio pra considerar. Abri a bolsa nervosa e repeti, igualzinha a Sendy, no tom das lições que se aprende de cor: – “Olha, Baiacu eu também sou neutra. Não tenho nada a ver com isso! Eu estou fazendo meu trabalho de arte. Queria muito que você participasse. Ia ser ótimo!” – falei um tanto afetada. – “Sim, depois a gente conversa. Cadê as fotos?” Baiacu tinha a todo tempo um movimento de braço feito alavanca que subia e descia na expectativa de agarrar algo para si. Impaciente, chegava cada vez mais perto de mim,

e tentou agarrar minha bolsa. Saltei para trás. Senti ameaça. Mas sabia tão certo, tão de dentro de mim, que não podia entrar no jogo de terror que Baiacu dirigia com maestria.

– “Ôxe, Baiacu, deixa Virginia fora disso” – gritou Sendy. – “Baiacu, calma! Claro, vou te mostrar as fotos! Eu quero que você conheça mais meu trabalho pra gente fazer seu ensaio” – tentei um tom de voz sério e tranquilo.

Entreguei o envelope. Estava pronta para assistir a cena. – “É ela. Eu sabia. Oh! Isabele foi dez em dizer que Sendy vinha pra cá! Ganhei o dia. Ah, mas agora a gay vai pegar as fotos, aqui, na minha mão, se ela quiser”. Baiacu rodava, jogava o corpo para frente e para trás, poderosa. E eu só respirava, olhando para Sendy. – “Baiacu, você ta deixando Virginia nervosa. Entrega logo as fotos pra ela.” Quanto mais Sendy tentava me proteger, mais expunha minha fragilidade. Baiacu pegou no meu queixo, arrastando um não até o pé do meu pescoço, me deu um beijo perto do ouvido e sussurrou: “Você é um anjo, Virginia.” Na hora, me lembrei que Fabiane também tinha me chamado de anjo. Naquele momento, senti-me muito mal em ser vista com um anjo. Mas o bafo quente de Baiacu me arrancou um sorriso que encontrou qualquer coisa macia que ia além da Baiacu que o meu medo pintava. Meu celular tocou. – “Licencinha.” Entrei para atender ao telefone na sede. Sabia que era Patrícia. Suei frio. – “Oi, Virginia já estou chegando...” O “estou chegando” de Patrícia embrulhou meu estômago – “Espera Patrícia. Não venha pelo amor de Deus. Pára. Baiacu está aqui.” As palavras saí-



ram secas e esmagadas da minha garganta. – “Virginia, eu não tenho dinheiro pra voltar! O que vou fazer?” – “Patrícia, calma, depois a gente conversa, eu estou muito nervosa. Dê um jeito” – me despedi rapidamente. Segui para a porta. Guardei meu desespero por trás de um descorado sorriso.

Sendy tentava recuperar as fotos, sem sucesso. Baiacu olhava fixamente para os retratos, com um misto de admiração e desprezo. Com certeza ela tinha achado beleza nas imagens. – “Sendy calma, Baiacu vai me devolver as fotos. Fica na sua” – falei com um pouco de raiva. – “E aí, Virginia, foi Patrícia falado do telefone do meu marido! E você disse para ela não vim! Me dê aí seu celular para eu ver se não foi o número dele!” Como ela pôde adivinhar, me perguntava. Eu falei com Pa-

trícia tão escondidinha, com a voz baixa, engasgada que mal eu mesma podia me ouvir. – “Virginia, me dê aí esse telefone. Agora!” – Baiacu tentou tirar o telefone da minha bolsa. Tive uma sensação de derrota. Mas uma força sinuosa me fez dançar com as palavras e não ceder ao pedido dela. Lutei. Lembrei de Rosana. – “Baiacu, não importa se foi do telefone do seu marido. Patrícia me ligou para dizer que não vem mais. Eu não posso fazer nada. E eu entendo você, as coisas do coração são assim mesmo, podem curar ou matar. E eu não estou aqui para julgar ninguém. Eu acho que tudo tem um porquê e, nessa história, para mim, não tem nem inocente, nem culpado. E você, por outro lado, vai ter sempre a razão, o marido era seu e ela roubou. Acabou. Agora eu preciso ir. Libera aí as fotos, se não eu vou ficar no prejuízo, entende? Patrícia não vai pegar as fotos na sua mão e eu vou ter que fazer novas cópias. E vamos marcar logo o seu ensaio. Vai ser bacana. E então?” Neste momento senti que Baiacu amoleceu. Não sei, talvez ela tenha se imaginado para sempre em boniteza, nas fotos. – “Vou pedir a peruca loura, belíssima, de Carla emprestada. Fazer um rebôco bonito na cara, porque travestis que é travestis adora se maquiar. Não é, Sendy? A gente pode marcar quando? Você não vai furar comigo não, hein Virginia?” – me perguntou num golpe de faca afiada. – “Você que marca, Baiacu.” – “Então me dê seu celular.” Sendy foi logo falado os números. Neste momento, chegaram uns alunos meus para uma entrevista com a coordenadora do ATRAS. Nem imaginava encontrar meus

alunos ali. Quis logo apresentar para Baiacu. Senti uma espécie de proteção, não sabia direito por quê. – “Baiacu, estas são minhas alunas.” Mas Baiacu nem se deu por conta. Estava virada para o outro lado, conversando com outra travesti. – “Baiacu, Virginia está apresentado as alunas!” – Sendy intercedeu por mim. As meninas apertaram a mão de Baiacu com vergonha simpática. – “Seu aperto de mão é falso, hein amapoa?” – Baiacu retrucou com uma das alunas. As meninas saíram meio sem graça, tentando a convencer do contrário. Achei que eu estava liberada, mas Baiacu não entregou as fotos e argumentou amistosamente: – “Virginia, quanto foi que você pagou pela revelação? Eu cubro. Não, dou uma quantia ainda maior!” Expliquei mais uma vez para Baiacu, com muita tranquilidade, que Patrícia nunca iria pegar as fotos na mão dela, porque eu tinha os negativos e iria fazer novas cópias e entregar a ela. – “Baiacu, Virginia tem que ir” – insistiu Sendy. Baiacu resolveu me entregar as fotos. Senti um grande alívio. – “Você está de carro, Virginia?” – “Estou” – respondi, pensando na possibilidade de um assalto. – “Você tá indo pra que lado?” – “Olha Baiacu, Virginia tá atrasada e ainda vai me deixar em casa.” Sendy falou agoniada. – “Eu vou descer a Baixa dos Sapateiros” – respondi. – “É, então deixa. Eu vou para a Barroquinha pra pensão. Você é uma amapoa fina, hein? Tem carro!” – Baiacu falou com ironia. Despedimo-nos. Segui para o estacionamento meio entorpecida. Sendy, com muito medo de Baiacu confiscar seu bens para ter informação de Patrícia, me pediu para que eu pe-

gasse seus objetos de valor – dvd, som e tv, para guardar na minha casa. Eu peguei. Olhando as coisas na mesa da minha sala, vi como estava completamente envolvida nesta história. Achei que tinha feito errado, me envolvendo tanto com as travestis, minhas meninas. Tive dúvida do processo de construção do trabalho. Mas uma atração louca não me deixou esquecer Baiacu. Encontrei com ela na parada gay, estava tímida. Depois a encontrei na pista com Rose, uma travesti que adoro. Eu estava com a filmadora. Baiacu se soltou, falou da vida na pista e no final me contou que tinha um caso com um aluno meu. Eu acreditei, porque é muito difícil encontrar duas pessoas com aquele nome em Salvador, e que ainda se diz gay e estuda jornalismo. Esta semana estou desmontando o “Studio Butterfly”, mas não quero fazer isso sem antes fazer o ensaio de Baiacu.



